

# A busca de sentido no percurso de humanização da vida

*Rita de Cássia Rosada Lemos<sup>1</sup>*

## Resumo

Este trabalho tem como escopo a questão do sentido enquanto percurso de humanização integral. A teologia de Leonardo Boff faz pensar o ser humano realizando seu sentido, mantendo-se continuamente em panrelacionalidade, com o universo, com as pessoas, com seu coração e com Deus, frente a uma perspectiva atual, pós-moderna, que postula, na imanência, o não-sentido da transcendência, por entender que a verdade está limitada ao conhecimento e ao feito do homem. A pós-modernidade questiona a simples possibilidade de se falar de um sentido do ser pelas posições antagônicas que ela assume. A ideia de relação é paradigmática desta época. Atenta a essa questão, esta comunicação consistirá na exposição de um pensamento cristológico, como elemento formal, com o objetivo de apresentar a Palavra criadora, Jesus Cristo, de quem o humano recebe o ser-relação inclusive com o Transcendente. Tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento, a vida humana é recolocada em percurso de humanização, enquanto acolhe a proposta de aliança com Deus. Em Jesus faz-se encontro de Deus com o ser humano como simplesmente humano. Deus se faz humano, faz morada na história, porque gratuitamente, radicalmente ama. Esse é o interesse do Filho de Deus: estabelecer relação com a humanidade. Para isso, Jesus se apresenta não como um percurso entre outros, mas como o percurso de humanização. Dentro da dinâmica personalizante da Revelação, Deus se apresenta como um Pai e marca contínuos encontros com a mulher e com o homem, abrindo-se a eles, chamando-os a uma resposta existencial total. Marca esta trilha o anseio humano por sentido, por uma integração humanizada em todas suas relações. A meta é dizer que a busca humana pelo sentido da vida fala de um desejo de ser pessoa humana – humanização – fala de um desejo do Infinito e de liberdade, de uma confiança e alegria maiores, de modo a ultrapassar a imanência e transcender todas suas pretensões. Ambas as realidades, Palavra criadora de relações e desejo humano de sentido, se inter-retro-relacionam. A percepção da busca de sentido permite afirmar que se pode encontrar o absoluto na vida, não o absoluto conceitual, mas o vivido, que recoloca a vida em seu percurso de humanização progressiva, no encontro com o outro, igualmente, relativo e com o Outro absoluto.

**Palavras chave:** sentido da vida; ser humano; teologia

## Introdução

O ser humano de ontem e de hoje busca pela vida, e indaga exultante a seu Senhor como nas palavras do salmista, “que é um mortal, para dele te lembrares, e um filho de Adão, que venhas visitá-lo?” (Sl 8,6). A busca pela vida em seu percurso de humanização se dá desde a aurora, em sua própria existência de ser: carne, terra, glória, beleza, força e domínio, porque Deus é sua fortaleza e sua majestade,

---

<sup>1</sup> Faculdade de São Bento de São Paulo. Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduada em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino e graduada em Licenciatura em Ciências pela Universidade Vale do Rio Doce. E-mail: [ritalemos3@yahoo.com.br](mailto:ritalemos3@yahoo.com.br)

sua vitalidade. Todo ser humano anseia por algo maior, mais profundo, melhor, de forma a dar sentido à própria existência.

### **A busca de sentido no percurso de humanização da vida**

Que é o ser humano para que dele te ocupes com tanta ternura? O salmista contempla a criação e pergunta em louvação. A partir de Jesus, o ser humano encontra o Filho e pergunta também repleto de êxtase e admiração: Que é o ser humano para que te faças um como ele, humano? Quem é este homem que mesmo excluído e fracassado, entrega a própria vida?

A abordagem da criação, dentro de uma chave de leitura, de uma existência relacional possibilita uma leitura da vida originada não no acaso ou na necessidade, mas em um Deus que é comunhão de amor, como também transparece a relação de Deus com cada criatura em particular.

A existência humana, aberta às relações, é o lugar, de fato, onde transparece o Mistério. O Mistério faz-se tão radicalmente entrelaçado com a história, que faz a existência humana participante de seu mistério de relações que dá sentido à vida. Questionando este mistério de tanta profundidade, de oculta e tão íntima presença, Agostinho confessa o Deus sumo-bem; a vida de toda vida.

Perguntei pelo meu Deus à massa do universo, e respondeu-me: 'não sou eu; mas foi ele quem me criou'. Mas, não se manifesta esta beleza a todos os que possuem sentidos perfeitos? Porque não fala a todos do mesmo modo? [...] aparecendo a ambos do mesmo modo, para um é muda e para outro fala. Ou antes, fala a todos, mas somente a entendem aqueles que comparam a voz vinda de *fora* com a verdade *interior*<sup>2</sup>.

Em contrapartida, Jacques Monod, biólogo e Prêmio Nobel francês (1965), afirma que o aparecimento da vida é um acaso, isto é, a vida é fruto de uma série de causalidades independentes e sem correlação. "O acaso está na fonte de toda novidade, de toda criação na biosfera. O acaso puro, o só acaso, liberdade absoluta, mas cega, na raiz mesma do prodigioso edifício da evolução"<sup>3</sup>. Neste modo de ver, o ser humano está sozinho no universo, e seu surgimento deu-se por acaso. Nega-se qualquer ideia de um Deus criador e atuante no edifício da vida.

O valor da vida não está em oposição à morte, como se devesse cuidar da vida só porque há a morte. Também seria fragmentar a vida o compartimentar e atribuir valores hierárquicos entre uma vida e outra. No trilha desta ideia, acredita-se que "é só o mal da morte, que pressupõe que a vida tenha valor e nos direciona para

---

<sup>2</sup> AGOSTINHO, S. *Confissões*. Petrópolis: vozes, 2015, p. 243-244.

<sup>3</sup> Cf. MONOD, J. *O acaso e a necessidade. Ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna*. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 130.

explicar este valor, mas também discriminações cotidianas entre vidas de diferentes tipos”<sup>4</sup>. Uma ideia filosófica como esta propicia exaltar a vida somente porque há a morte e criar dicotomia que só faz fragmentar a vida, relativizando seu valor, sendo que justamente é o objetivo desta reflexão tratar da vida humanizadora na busca do sentido. Ademais, a experiência bíblica compreende que a morte já está dentro da vida, sem oposição, mas juntas. Para a teologia cristã, a morte demarca o fim desta vida, e a torna definitiva. A existência humana deixa explícito que a vida, de cada pessoa, tem importância única. Eis o fundamento da visão otimista do cristão: frente à morte tem-se a Ressurreição de Jesus. A história tem uma meta: a salvação. Este é o objeto próprio da Escatologia cristã: ao que crê, é permitido esperar.

O humano chegou a Deus, porque Deus chegou primeiro ao humano. E Deus chegou ao humano porque havia feito, ele Deus mesmo, uma abertura infinita nele. Karl Rahner explicita a presença do Deus que não só cria o mundo como faz do mundo o lugar onde Ele se encontra, na linguagem do Infinito que adentra no finito, por isto o próprio finito ganha profundidade infinita. “O próprio Infinito se tornou, o lugar onde ele se expressa como a pergunta a que ele próprio responde, a fim de abrir-se para todo o finito, dentro do qual se tornou parcela”<sup>5</sup>. Toda a criação significa um desdobramento da vida trinitária pela graça. Nela, a humanidade é convidada a participar desta comunhão. A vida estando assentada no cuidado do ato criador compreende a experiência do encontro do humano com o divino.

O determinante na experiência bíblico-teológica é a Aliança de Deus com seu povo. Na origem da vida já vigora a criação de relações. Talvez se possa dizer que as relações são o ponto de partida do escritor bíblico. Isso torna-se mais explícito no relato da criação do ser humano. Nele verifica-se uma mudança de pessoa e número gramaticais que assinala o ser de Deus, e a orientação e identidade da existência humana. Nesta mudança transparece todo o comprometimento da comunidade divina: “Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem” (Gn 1,26). E no decorrer de toda a história, essa fala manifesta-se compromisso eterno em fidelidade e ternura. Deus modela, cria e realiza a criação. Isto é, Deus cria o homem e a mulher à sua imagem; à imagem de Deus!

---

<sup>4</sup> CRAIG, E. (Ed.). *The shorter Routledge encyclopedia of philosophy*. London: Routledge, 2010, p. 577.

<sup>5</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 269-270.

Homem e mulher são criados à imagem de Deus que se faz conhecer pela pessoa do Verbo eterno do Pai. Jesus ensina a viver em verdade as relações da qual foram modelados o ser humano. “Ele é a imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra” (Col 1, 15-16a).

Enquanto ser de relações, são elas que o impulsionam à busca pela humanização da vida. O ser humano é relação e por ela constitui espaço de integração e sentido. O sentido, obviamente não pode encerrar-se em si mesmo. Ele dá direção e significado, a saber, o nó de relação, que em profundidade, é ressonância do Deus-comunhão, do qual é imagem e semelhança.

De igual modo que no Antigo, no Novo Testamento a vida humana é recolocada em seu percurso de humanização enquanto Aliança com Deus. Entre outras, pode-se citar a narrativa da cura por Jesus em pleno sábado (cf. Mc 3,1-6). O Evangelista dá uma interpretação que tem seu ponto de partida no significado de que todos os dias devem ceder à centralidade de sua origem no Deus da vida humana e dedicar-se este tempo a promoção de relações humanizadas.

Jesus faz-se encontro com o ser humano como simplesmente humano. Deus se faz humano, faz morada na história porque gratuitamente e radicalmente ama. Cristo diz respeito a todo o universo, de modo que não se pode mais falar do ser humano sem Deus, porque definitivamente: Ele veio fazer morada na história para sermos um com Ele. Esse é o ‘interesse’ do Filho de Deus: estabelecer relação com a humanidade.

A Encarnação significa, primeiramente, que Deus estabeleceu morada entre nós. Jesus não é estranho à história humana. Esta experiência releva substancialmente o ser humano, principalmente os que sofrem. Não há espaço ou tempo que possa reter sua presença, nem mesmo a morte. A humanização é a vida de Deus. No dizer de Moran, a encarnação “é o abrir-se de uma história humana, a qual estabeleceu uma maneira singular de revelação”<sup>6</sup>.

Jesus revela ser o *lugar* de humanização em todas as dimensões. Nele, Deus ama e abraça a história humana de homens e mulheres, sem criar outra história. A história de Deus com a humanidade é a história da humanidade. É nela que Jesus é Deus presente e ele deseja que a consumação da vida em Deus chegue logo. “Eu

---

<sup>6</sup> MORAN, G. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Herder, 1969, p. 61.

vim trazer fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso!” (Lc 12,49). Ele é o caminho na história do outro humano que tem fome de cuidados humanos e de bens materiais. Como o Bom samaritano, ele deixa transparecer o cuidado de Deus-Trino, que não só se comove, mas se transforma em ajuda eficaz, desce e cura as feridas (cf. Lc 10,29-37). Sua ação é motivada pela experiência do Pai e, assim, reconhecimento da dignidade em todo ser humano.

A partir de Jesus, a experiência trinitária abre-se ao ser humano a possibilidade de experimentar-se criado, filho/filha no Filho, chamado a viver em relações integradas, para assim, encontrar o sentido da vida em plenitude. De fato, o relato bíblico do Gênesis afirma o ser humano criado à imagem de Deus, e o Novo Testamento o afirma criado no Espírito à imagem de Jesus Cristo, verdadeira imagem de Deus.

A comunhão com Deus confere o sentido ao abrir-se às relações. Esta reflexão sinaliza para o paradigma de humanização: a Trindade. A relação de comunhão e liberdade do Pai, do Filho e do Espírito continua na Encarnação do Filho. A encarnação do Filho fala do amor sem limites e liberdade sem fronteiras. A fé cristã recusa que o absoluto anule o ser humano. Pelo contrário, ela reafirma a relação dialógica de Deus com o ser humano. Torna-se um dos equívocos, no cristianismo, tentar reafirmar este absoluto, exclusivamente, pela via racional da filosofia. De maneira exemplar, Descartes com seu método racionalista faz o divórcio entre o pensamento e o ser<sup>7</sup>. Ele argumenta que é no sujeito que se funda o conhecimento, tanto no fundamento, quanto no método como também a ciência. Na fundamentação do método, não tem relevância se o sujeito é fruto ou não da criação divina. Para este filósofo, a existência de uma razão natural é um fato, demonstrado pela matemática, e a crença em Deus é um ato de fé que pode ser deduzido racionalmente. O real é real para o sujeito e não em si mesmo. Entretanto, para a fé cristã, o absoluto apresenta-se quenoticamente ao diálogo. É por esta via que se pode primeiramente dialogar com Deus e a partir desta experiência, apresentá-lo à humanidade. Deus, que se deu conhecer, de modo especial em Jesus Cristo, dá-se

---

<sup>7</sup> Na leitura de Lima Vaz, o despontar da modernidade data do século XVII com Descartes. Um pensar que difere radicalmente daquele medieval que primava pelo polo metafísico da razão, passando a primazia ao polo lógico e de um novo sujeito criador do próprio mundo. Cf. OLIVEIRA, C. M. R. *Metafísica e ética. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2013, p. 31-46.

a conhecer hoje pelos batizados. O caminho para ele são as relações justas e fraternas.

A fundamentação da criação em um Deus-relação de comunhão revela Deus essencialmente em diálogo em con-vocação à participação do ser humano, e provocação de ser sentido de toda busca e plena vida. Muito simplesmente, homem e mulher, na busca de vida que tenha sentido, experimentam o mistério da Trindade. Naturalmente, o Deus-relação é o mesmo Deus. Na Criação ele se apresenta como relação de dom da vida. Na Encarnação como a relação do amor e, finalmente na Morte e Ressurreição de Jesus, a radicalidade da relação até o fim. Jesus Cristo é a Palavra de Deus dentro do mundo.

No dizer de Chenu, Deus se utiliza da Literatura, da estética para nos permitir compreendê-lo. Ele 'é a gramática' que torna possível compreender a Deus e o ser humano<sup>8</sup>. Deus se dá a comunicar a nós seres humanos por meios diversos e compreensíveis a cada pessoa. Os salmos cantam, os poetas recitam, os pintores embelezam a moldura da vida. Àquele/Àquela que se põe a escutar, tudo fala de Deus. Jesus Cristo é a Palavra de quem o humano recebe o ser relação com o Transcendente. No princípio está a Palavra que se faz diálogo, e não um ser solitário, surgido ao acaso.

Dentro desta dinâmica-personalizante da Revelação, Deus se apresenta como um Pai, que marca contínuos encontros com a mulher e o homem, e com eles estabelece uma presença, a eles se abre, a eles se doa, chamando-os para uma resposta total, existencial de todo o seu ser. Deus deseja assim estabelecer uma comunhão, mediante o seu diálogo-encontro-dom ao ser humano e a resposta livre-relacional-amor da pessoa a Deus.

O ser humano realiza seu sentido humano de existir quando se mantém continuamente em sua panrelacionalidade, isto é, em um percurso permanente de relações com o universo, com as pessoas, com o seu próprio coração e com Deus. Ele surge na verdade como um elo de relações voltado para todas as direções. Deste dinamismo de relações, emerge sua integração ou desintegração na proporção da qualidade de suas inter-retro-relações<sup>9</sup>. A busca é por inter-retro-

---

<sup>8</sup> Cf. CHENU, M.-D. "La littérature comme lieu de la théologie". *Revue des sciences philosophiques et théologiques*. n. 53, 1969, p. 70-80.

<sup>9</sup> A sinonímia da palavra inter-retro-relação é de auxílio para compreender não apenas seu significado e abrangência, mas principalmente, a busca humana por uma experiência que confere sentido profundo a vida, de humanização da vida. A palavra inter-retro-relacionar compreende a relação de

relações em resposta ao apelo infinito por uma vida de sentido que lateja dentro do ser humano.

A existência do ser humano, como pessoa humanizada encontra seu sentido de ser ao encontrar o outro numa relação de alteridade e de cuidado. A força criadora da vida não se empalidece no labirinto de propostas artificiais. A vida, a nossa vida, mesmo frágil e ferida é majestosa, como expressa exultante o salmista. Pode sempre humanizar-se, transfigurar-se, vestir-se em beleza para uma festa. A vida parece-se a uma dança, corpos criados para entrelaçarem-se em compassos de horizontalidade, em força e afetos no qual o que é vivo é tudo aquilo que existe para a glória das obras de Deus.

Para falar do ser humano torna-se mais propício utilizar uma linguagem simbólica. Mas diante da exigência aqui de uma linguagem discursiva, e na tentativa de uma aproximação à sua dignidade incomensurável, utilizam-se expressões que mais são concepções do que definições. Mesmo assim, é grande o alcance das palavras para dizer da busca pelo sentido em percurso de humanização da vida, e de um Deus que a criou-amou em participação. As palavras chamam a atenção para o fato de que a pessoa é um ser de relação, no interior de uma complexidade de relações.

Nessa provocação, a teologia dá-se conta da insuficiência e irrelevância de sua própria linguagem. Faz observar que há um fundamento sob toda linguagem que exige sentido. Uma presença anterior a toda linguagem que confere sentido radical que fundamenta toda busca. Isto remete à temática desta reflexão da busca de sentido no percurso de humanização da vida. Diante da multiplicidade de palavras, a antropologia teológica é conduzida à unidade, isto é, à Palavra Deus em sua revelação.

A Palavra encarnada - Jesus - permaneceria incompreensível ou sem sentido se não fosse acessível ao nível da narração, e essa se reduziria a uma mera estrutura de linguagem caso não fosse capaz de atingir a história e a linguagem humana. Esta articulação entre Palavra de Deus e palavras humanas que se dá pelas relações é o que permite expressar a experiência do extraordinariamente

---

dentro - inter, a relação com o tempo precedente – retro, e a relação de reciprocidade - relacionar-se. Nesta vertente, a vida é constante movimento em todas as direções em busca de sentido humanizante da vida.

humano de Jesus e, por isto mesmo a resposta à busca de sentido humanizadora da vida.

O ser humano busca pelo encontro do sentido, que transparece em Mistério de humanização realizador do sentido da vida, que revela e vela o sagrado segredo do sentido. Neste percurso, constata a dificuldade de encontrar uma vida com mais sentido por causa da ausência de si mesmo norteando-se por uma pre-ocupação excessiva na razão que se coloca como critério de realidades que se apresentam como portadoras de sentido, como Deus, vida, beleza. A busca pelo sentido humanizador da vida, não se restringe à questão de uma vida empenhada nalgum projeto. A guerra e a dominação são também adotadas como projeto e, com certeza, não favorecem à vida.

É fundamental a pergunta pelo sentido último da vida, em todas suas relações. Como ser de consciência que participa do infinito mistério de Deus, o ser humano descobre que não é a relação, por si mesma, que confere sentido à sua vida, e que o distingue das outras criaturas. Descobre o encontro humanizador de toda a vida que traduz o lugar da relação interpessoal e manifesta uma experiência da existência.

A busca de sentido no percurso de humanização da vida torna-se encontro de relações transparente com uma Presença, que transcende a busca. Ela faz eco à experiência do encontro com o Mistério que mora dentro de si, e gera a dimensão misteriosa do sentido da vida humana. Deus vibra nas entranhas de todas as coisas criadas e silencia todo palavreado humano. O mistério do Deus-Trino comunica sentido de unidade a toda história, e aponta para além da história. O sentido pertence à história. Deus-comunhão em inter-retro-relação de Pai, Filho e Espírito Santo faz-se encontro na história através de cada criatura, em autodoação de vida, amor e cuidado e proclama a palavra primeira 'vida' (Gn 1,1) confirmada na 'alegria' (cf. Lc 1,28) da vinda do Filho.

### **Conclusão**

A busca pelo sentido humanizante da vida, fala de um desejo de *ser* pessoa humana – humanização – fala de um desejo do Infinito e de humanização, de uma busca de sentido e de força, de uma confiança e alegria maiores, de modo a ultrapassar toda a imanência e transcender todas as pretensões. A gratuidade de Deus, a grandeza de seu amor, sempre liberta, potencializa e impulsiona homem e mulher para além de si mesmo. Eis, então, a beleza de um sólido e fecundo

percurso de humanização: pelas vias da relação pessoal com os outros, com as coisas, consigo mesmo, em íntima comunhão com o Deus-Trino, promover a efusão da Vida, onde todas as forças se encontrem, todas as energias confluam para um centro único de vida e ação. Corpo e espírito, terra e céu, criatura e Criador, ser humano e Deus, aliados, interagidos, definitivamente unidos.

Mister se faz assumir a impossibilidade humana de dizer Deus e o desejo de falar da Palavra. A busca de sentido no percurso de humanização da vida, no decorrer da reflexão, mostrou-se muito mais no dinamismo de um ser humano em abertura de relações, do que no enquadrar de respostas. O Espírito, energia em movimento, tem direção certa: o encontro de relações transparente com Deus-Trino que transcende a busca gera a dimensão do sentido de humanização da vida.

### **Referências bibliográficas**

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Petrópolis: vozes, 2015.

CHENU, M.-D. "La littérature comme lieu de la théologie". In : *Revue des sciences philosophiques et théologiques*. n. 53, 1969.

CRAIG, E. (Ed.). *The shorter Routledge encyclopedia of philosophy*. London: Routledge, 2010.

MONOD, J. *O acaso e a necessidade. Ensaio sobre a filosofia natural da biologia moderna*. Petrópolis: Vozes, 1971.

MORAN, G. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Herder, 1969.

OLIVEIRA, C. M. R. *Metafísica e ética. A filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2013.

RAHNER, K. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989.